

PORTUGUESE B – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Monday 6 May 2002 (morning)
Lundi 6 mai 2002 (matin)
Lunes 6 de mayo de 2002 (mañana)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1 (Text handling).
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir ce livret avant d’y être autorisé.
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l’épreuve 1 (Lecture interactive).
- Répondre à toutes les questions dans le livret de questions et réponses.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos requeridos para la Prueba 1 (Manejo y comprensión de textos).
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

Por entre as Nuvens

Por estradas nacionais e municipais, muitas vezes dentro dos limites do Parque Natural da Serra da Estrela, percorremos o maciço montanhoso onde nascem os rios Mondego e Zêzere, os mais importantes entre os que têm um percurso exclusivamente português, tendo como pano de fundo *“uma paisagem de tipo alpino encravada no coração de Portugal”*.

5 A estrada nacional 339 serpenteia a serra, obrigando a que nunca passe da terceira e dos 40 km/h, mas cruza-me com alguns aventureiros a fazerem ultrapassagens, ainda antes de chegar ao monumento de Nossa Senhora da Boa Estrela, que mãos pacientes gravaram no granito. Já se vê neve um pouco por todo o lado. A Torre
10 está a ser fustigada por ventos fortes e nevoeiro cerrado. É difícil abrir a porta do carro no ponto mais alto de Portugal Continental e ainda mais percorrer os pouquíssimos metros até ao “Centro Comercial da Torre”, a funcionar nas antigas instalações militares. A 1993 metros as provas de queijo e presunto da serra são gratuitas.

15 A torre de pedra, que toca os 2000 metros de altitude, tem o topo encoberto. Se o dia estivesse limpo teria avistado a serra da Boa Viagem, em Buarcos (junto à Figueira da Foz), a serra de Gredos, em Espanha, a do Marão, em Trás-os-Montes, e a de Portalegre, no Alentejo. Para Seia retomamos a estrada nacional, descendo a encosta oposta. A neve envolve a Lagoa Serrana e, à semelhança das duas crianças
20 que estão a atirar neve uma à outra à beira da estrada, não resisto a uma boa guerra com munições de gelo.

Para Unhais da Serra tomamos a estrada nacional 230. A montanha transforma-se progressivamente num vale e, pela primeira vez em alguns dias, conduzimos a
25 80 km/h. Esta vila já foi um dos lugares mais procurados da serra: no princípio do século tinha vários hotéis, um casino e as suas termas eram frequentadas pela fina-flor lisboeta. Para os que cá viviam, havia sempre emprego nas fábricas de lanifícios. Esses dias acabaram com o declínio das indústrias têxteis. Unhais caiu no esquecimento, o projecto de construção do teleférico de ligação à Torre não se concretizou, grande parte das fábricas foi à falência e, como os hotéis desapareceram,
30 também não há quem venha frequentar as termas. Dez quilómetros para sul, Paúl é uma povoação de ar montanhês, nas ruelas e nos usos. Cheira a lenha. As casas de pedra, algumas do século XVII, têm sido recuperadas segundo a traça original, o que justifica bem que a considerem uma das mais genuínas terras beirãs. No dia seguinte partimos para Lisboa, mas antes decido comprar uma garrafa de
35 aguardente de zimbro e um queijo da Serra. O cão venho buscá-lo quando tiver uma quinta.

Estrada Fora, “Serra da Estrela”

TEXTO B

RECADO AO SENHOR 903

Vizinho –

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal - devia ser meia-noite - e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito ao repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e música no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome, nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 - que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos; apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vir à minha casa (perdão; ao meu número) será convidado a se retirar às 21:45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois às 8:15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada; e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda o outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus algarismos. Peço-lhe desculpas - e prometo silêncio.

...Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e com outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: "Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou". E o outro respondesse: "Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela".

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os homens, e o amor e a paz.

*Rubem Braga, **Para gostar de ler - 11**, São Paulo: Ática, 1989*

TEXTO C

SEM MEDO DO LIVRO VIRTUAL

Nesta entrevista à Revista Cultural, os escritores Ignácio de Loyola Brandão e Mário Prata falam de sua relação com a Internet e de como ela afeta o seu trabalho.

CULTURAL – *Como vocês vêem o crescimento da literatura na Internet?*

Ignácio de Loyola Brandão – Acho que é mais uma tendência. Ela vem acrescentar um tipo especial de uma geração que está em conexão direta com o computador. Os textos são curtos, mas de forma alguma vêm substituir o papel. Há espaço para todos. O livro sempre vai existir. É um fetichismo de manusear o objeto, o poder de fechar os olhos e imaginar...

Mário Prata – Eu sempre fui muito ligado em experimentos tecnológicos. Mas acho que ainda não definiram muito bem a função da Internet. Não acredito que ela venha a substituir nada. Ela tem um caráter muito mais de serviço. Mas é importante esclarecer que nunca uma geração brasileira leu e escreveu tanto como pela Internet.

CULTURAL – *Mas o conteúdo não pode ser considerado duvidoso?*

MP – Não importa. São milhares de pessoas que estão exercitando a língua portuguesa sem serem mandadas pela escola, pelos pais e 80% delas são jovens. Nos *chats* (salas de bate-papo), eles estão criando uma nova língua, sem acentos, que vai acabar sendo incorporada à nossa língua.

CULTURAL – *Ignácio, você escreveria um livro pela Internet?*

ILB – Desde que eu o escrevesse na minha casa, não tenho problemas em gravar tudo em disquete e depois comercializá-lo pela Internet. Só não gostaria de criá-lo pela *net*. Não me sinto à vontade em ter a minha vida “espionada” com câmeras e outros acessórios. Sou do tipo que gosta de sentir o cheiro do papel, o cheiro da tinta... Meu processo de criação é solitário e, além disso, é preciso verificar a questão da segurança na Internet, para evitar a pirataria. É preciso refazer a questão do direito autoral, como proteger um texto.

CULTURAL – *Mário Prata, como foi a experiência de escrever um livro pela Internet?*

MP – A idéia inicial foi fazer e mostrar o processo da feitura de um livro. Já há algum tempo, tenho notado a curiosidade dos leitores sobre como é o processo da escrita. Tem-se uma idéia errada, acham que há uma “musa inspiradora”, o que é uma visão do século passado. Tínhamos uma média de 2.500 acessos/dia e cerca de 500 quando eu estava on-line. O legal disso tudo é que as pessoas perceberam que eu não era um mito e sim uma pessoa normal, igual a elas, o que as motivou a escrever.

CULTURAL – *Essa interferência dos internautas alterou a sua idéia inicial do livro?*

MP – Talvez o livro tenha ficado um pouco mais romântico do que policial, mas muito próximo daquilo que eu tinha pensado.

CULTURAL – *Vocês acreditam que o e-book, um tipo de máquina que funciona como livro virtual, poderia substituir o papel?*

ILB – Acho que as pessoas fazem conclusões apressadas. Há algum tempo, a telenovela era a linguagem do futuro, substituindo também os livros. É preciso esperar o lançamento em massa dos *e-books*. Quem lê pela Internet vai continuar lendo. E quem compra um livro vai continuar comprando...

Kátia Ferraz, Revista Cultural, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Março 2001

TEXT0 D

NAMORO

- Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
E com letra bonita eu disse que ela tinha
Um sorrir luminoso tão quente e gaiato
Como o sol de Novembro brincando de artista nas acácias floridas
5 Espalhando diamantes na fímbria¹ do mar
E dando calor ao sumo das mangas.(...)
Mandei-lhe essa carta
E ela disse que não.
- Mandei-lhe um cartão
10 Que o amigo Maninho tipografou:
“Por ti sofre o meu coração”
Num canto -SIM, noutro canto -NÃO
E ela o canto do NÃO dobrou.(...)
- Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
15 Ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
Paguei-lhe doces na calçada da Missão
Ficámos num banco do largo da Estátua,
Afaguei²-lhe as mãos...
Falei-lhe de amor... e ela disse que não.(...)
- 20 Para me distrair
Levaram-me ao baile do sô Januário
Mas ela lá estava num canto a rir
Contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário.
- Tocaram uma rumba - dancei com ela
25 E num passo maluco voamos na sala
Qual uma estrela riscando o céu!
E a malta³ gritou: “Aí, Benjamim!”
Olhei-a nos olhos - sorriu para mim
Pedi-lhe um beijo - e ela disse que sim.

*Viriato da Cruz, **Poemas**, 1961, Angola*

¹Fímbria: borda

²Afagar: fazer carinho

³Malta: multidão